

ROTATIVIDADE DO EMPREGO NOS PEQUENOS NEGÓCIOS

NOTA CONJUNTURAL • Nº 36 • 2015



PANORAMA GERAL

A rotatividade no emprego é considerada elevada no Brasil¹ e vem aumentando nos últimos anos, trazendo preocupações principalmente com relação a seus efeitos sobre a produtividade dos trabalhadores. De fato, o bom desempenho do mercado de trabalho brasileiro e fluminense na última década – com baixas taxas de desemprego e intensificação do ritmo de formalização dos postos de trabalho – esconde um dado preocupante: a estagnação da produtividade do trabalho.

Isso se deve, em alguma medida, à alta rotatividade no emprego, que está associada a baixos níveis de qualificação profissional entre os trabalhadores, fazendo com que não sejam tão produtivos. Para o empregador, o incentivo ao treinamento de funcionários diminui, pois não vale a pena investir num indivíduo que sairá em breve da empresa. O empregado também tem menos interesse em se especializar numa atividade se a encara como temporária. Para o trabalhador, a elevada rotatividade no mercado de trabalho se traduz em maior instabilidade e menor chance de ascender no emprego.

Além disso, o aumento de vínculos de curta duração afeta o bem-estar das pessoas, seja diretamente, pela maior precariedade das relações de trabalho, seja indiretamente, pelo efeito negativo sobre a produtividade e, por consequência, o crescimento econômico.

Nesta Nota Conjuntural, analisaremos a evolução do tempo de permanência no emprego com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de 2003 e 2013. São apresentadas informações segundo o tamanho dos estabelecimentos em todos os estados brasileiros e por região do Estado do Rio de Janeiro (ERJ). Entretanto, o foco recairá sobre os pequenos negócios² fluminenses, que serão contrastados aos empreendimentos de mesmo porte no país e às médias e grandes empresas no ERJ. Por fim, será feita uma análise do tempo de permanência nos pequenos negócios por setor e características dos trabalhadores. Para facilitar a análise e a visualização, é importante compreender que quanto menor o tempo de permanência no emprego, maior a rotatividade e vice-versa.

1. De acordo com G. Gonzaga e R. Pinto em “Rotatividade do trabalho e incentivos da legislação trabalhista”, in R. Bonelli e F. Veloso (orgs.), *Panorama do mercado de trabalho no Brasil*, Rio de Janeiro, 2014: “Em comparações internacionais, conclui-se frequentemente que o Brasil apresenta as maiores taxas de rotatividade entre os países com medidas comparáveis.”

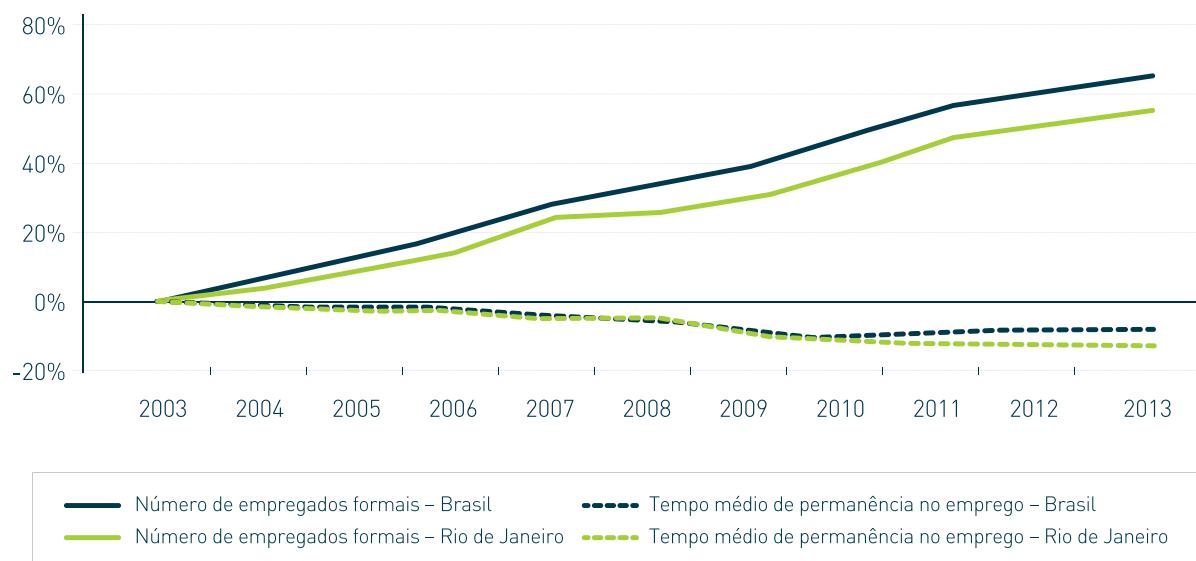
2. Foram considerados pequenos negócios os estabelecimentos industriais e da construção civil com até 99 empregados e as empresas agropecuárias, de serviços e do comércio que empregam, no máximo, 49 pessoas.

ROTATIVIDADE DO EMPREGO

A elevação da rotatividade no mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos é fato conhecido que tem sido amplamente documentado.³ O tempo médio de permanência no emprego, que era de 64 meses em 2003, caiu para 50 meses em 2013. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que houve forte geração de postos de trabalho formais.

Como pode ser visto no Gráfico 1, a duração dos vínculos caminhou na direção contrária do emprego formal, embora essa relação não tenha sido direta. Enquanto o total de empregados aumentou 66% no Brasil entre 2003 e 2013, o tempo médio de permanência no emprego caiu 8%. Essa associação se mostrou ainda mais acentuada no Estado do Rio de Janeiro, onde esses percentuais corresponderam a, respectivamente, 56% e 12%. Nesse período, o tempo em que os trabalhadores fluminenses estavam, em média, em seu emprego corrente diminuiu de 71 meses para 63.

GRÁFICO 1 | EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS FORMAIS E DO TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (2003=0%) FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

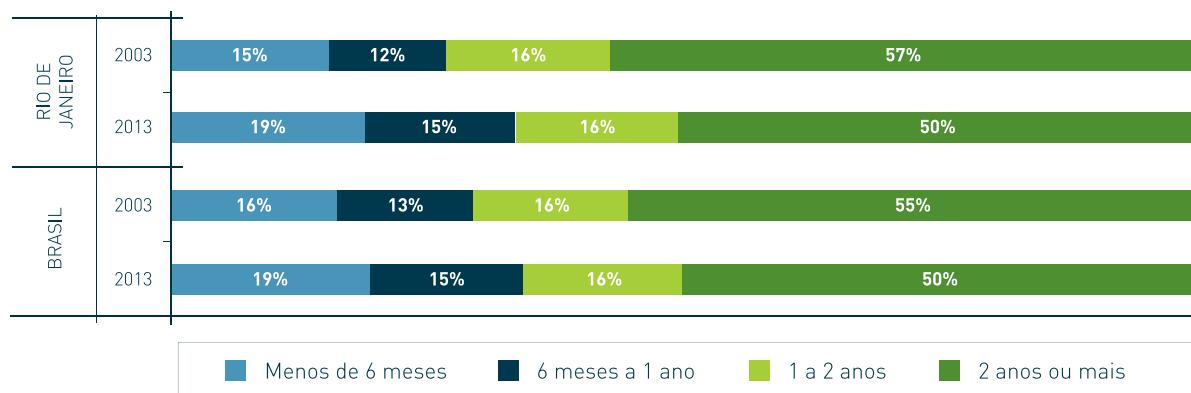


3. Ver Ipea: Anselmo Luís dos Santos, José Dari Krein, Andre Bojikian Calixtre (orgs.), *Micro e pequenas empresas: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento*, Rio de Janeiro, 2012; Dieese, *Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho*, São Paulo, 2011; entre outros.

Apesar de a queda na duração dos vínculos formais fluminenses ter sido expressiva, a rotatividade no emprego é menor no ERJ do que no país: o tempo médio de permanência registrado no estado em 2013 equivaleu ao do Brasil em 2003. Abrindo a análise por faixas de tempo de permanência no emprego (Gráfico 2), observa-se que a proporção de empregados há dois anos ou mais no mesmo trabalho caiu substancialmente ao longo da década: de pouco mais de 57% no ERJ, e 55% no Brasil, para 50%, em ambos. Ao mesmo tempo, a parcela de trabalhadores há menos de seis meses no emprego aumentou.⁴ Em 2013, quase 1/5 dos empregados formais ainda não havia completado um semestre em seu posto de trabalho.

A proporção de empregos preenchidos por mais de seis meses e menos de um ano também cresceu no país e no estado, enquanto o contingente daqueles cuja duração compreende um período de um a dois anos se manteve constante no período. Nota-se, também, que a distribuição dos trabalhadores formais por tempo de permanência no país e no estado, que já era muito semelhante em 2003, ficou idêntica em 2013.

GRÁFICO 2 | DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS FORMAIS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

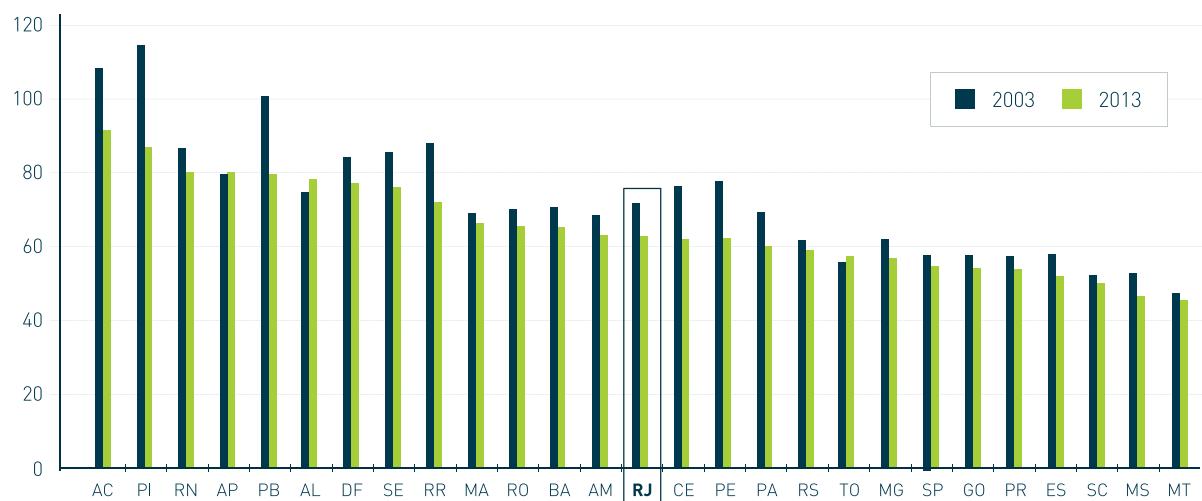


Para termos uma noção de magnitude, o Gráfico 3 mostra o tempo médio de permanência em todos os estados brasileiros, ordenados segundo os valores de 2013. É possível notar que o Estado do Rio de Janeiro ocupa posição intermediária. Os estados do Centro-Sul do país (exceto o DF) estão à direita do ERJ, com níveis mais altos de rotatividade no emprego, enquanto os do Norte e Nordeste estão, em sua maioria, à esquerda, com os maiores tempos médios de permanência no posto de trabalho. Entre 2003 e 2013, houve aumento da rotatividade em praticamente todos os estados, salvo Amapá, Alagoas e Tocantins. O Estado do Rio de Janeiro teve o oitavo maior acréscimo do país.

4. No período analisado, houve queda na proporção de primeiros empregos no total de empregos formais.

Exceto na análise setorial, feita mais à frente para os pequenos negócios, as informações apresentadas nesta Nota Conjuntural incluem o total de empregados formais nos setores público e privado. O Gráfico 3b replica o Gráfico 3, excluindo do universo analisado os empregados na administração pública. Naturalmente, nesse caso a rotatividade sobe bastante. Ademais, o ERJ passa a ter o quarto maior tempo médio de permanência no emprego do país.

GRÁFICO 3 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS ESTADOS BRASILEIROS INCLUINDO OS EMPREGADOS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



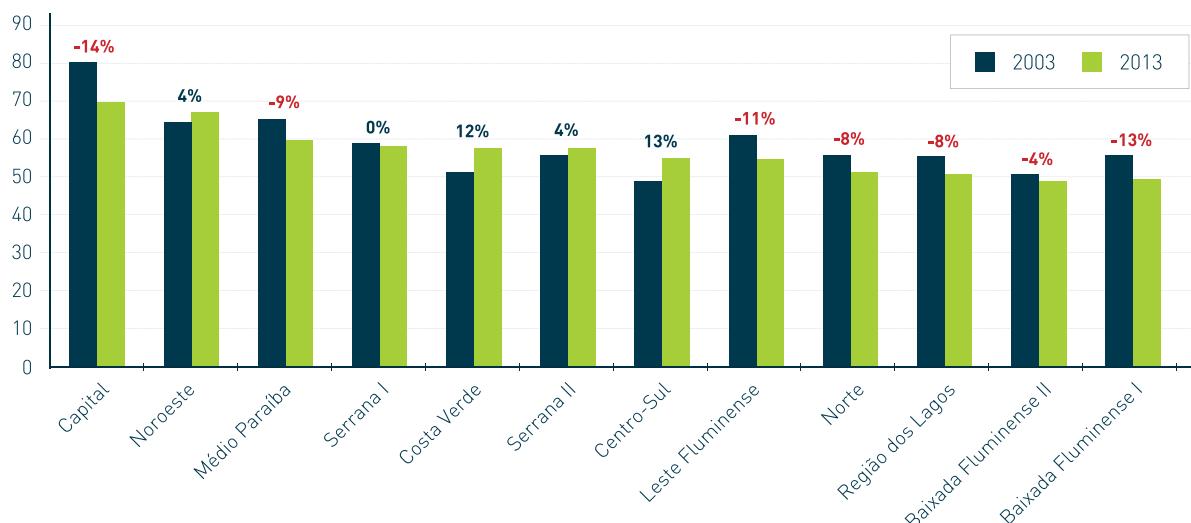
Excluindo a administração pública, os estados do Centro-Oeste continuam apresentando os maiores níveis de rotatividade do país, fato possivelmente associado ao elevado crescimento econômico que a região vem apresentando e à sazonalidade das culturas agrícolas. Já os estados do Sul e do Sudeste tendem a estar mais concentrados no outro extremo, com tempos médios de permanência no emprego elevados. Contudo, os primeiros colocados no ranking por estado do número de meses no posto de trabalho são nordestinos. Na realidade, os estados do Norte e do Nordeste não seguem um padrão claro: a rotatividade é alta em alguns e baixa em outros. Por fim, apesar de aumentar em seis estados, o tempo médio de permanência no emprego continua a cair na maioria deles.

GRÁFICO 3B | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS ESTADOS BRASILEIROS EXCLUINDO OS EMPREGADOS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



Quando se observam as regiões do estado (Gráfico 4) em 2013, nota-se que as duas Baixadas apresentam os menores tempos de permanência no emprego. Em seguida, estão a Região dos Lagos e o Norte Fluminense – que têm maior proximidade com a indústria de petróleo. No outro extremo estão a capital, com forte peso do setor público, o Noroeste e o Médio Paraíba, região que concentra a indústria automotiva. Entre 2003 e 2013, houve aumento do tempo médio no emprego no Noroeste, na região Serrana II e no Centro-Sul. Na região Serrana I, o indicador ficou parado, enquanto as demais regiões registraram queda.

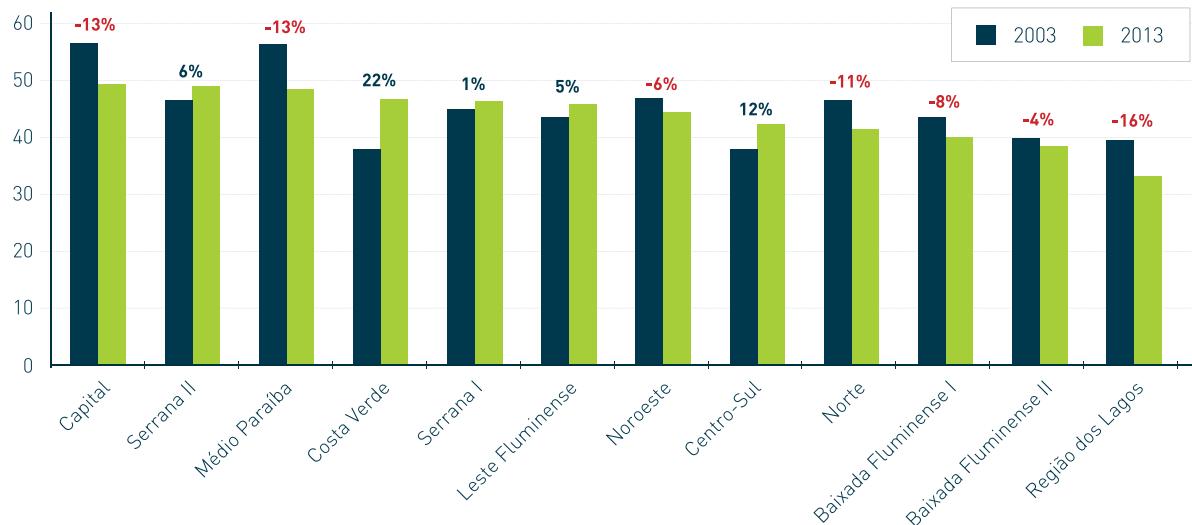
GRÁFICO 4 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) E VARIAÇÃO PERCENTUAL ENTRE 2003 E 2013 NAS REGIÕES FLUMINENSES INCLUINDO OS EMPREGADOS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



Assim como para os estados brasileiros, decidiu-se examinar também o tempo médio de permanência nas regiões do estado excluindo-se os empregados na administração pública (Gráfico 4b). Novamente, nesse caso, a rotatividade aumenta significativamente. Contudo, a ordenação das regiões não se altera tanto. A capital continua tendo os vínculos mais duradouros do estado, seguida da região Serrana II (ao invés do Noroeste) e do Médio Paraíba. Os menores tempos médios de permanência no emprego permanecem no Norte, nas Baixadas e na Região dos Lagos, mas principalmente na última. Há mais mudanças quando se observa a evolução entre 2003 e 2013: a rotatividade passa a cair na região Serrana I, no Leste Fluminense e, muito expressivamente, na Costa Verde, e a aumentar no Noroeste.

Em linhas gerais, a análise aponta que a maior rotatividade está associada a regiões com maior crescimento da atividade econômica, seguindo o ciclo econômico ao longo do tempo (comportamento pró-cíclico).

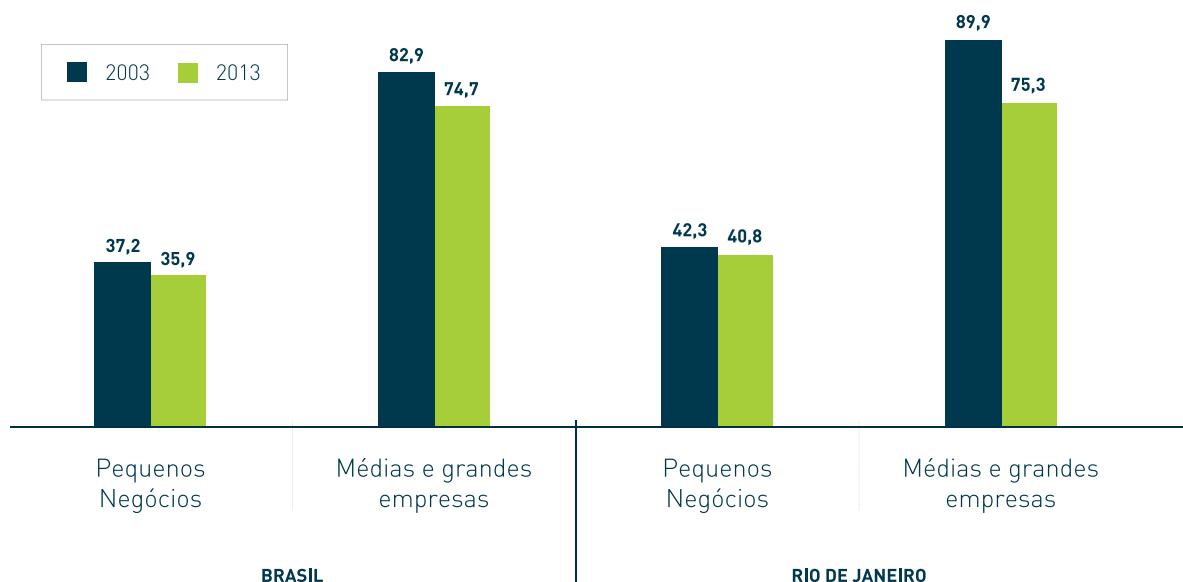
GRÁFICO 4B | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) E VARIAÇÃO PERCENTUAL ENTRE 2003 E 2013 NAS REGIÕES FLUMINENSES EXCLUINDO OS EMPREGADOS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



ROTATIVIDADE DO EMPREGO NOS PEQUENOS NEGÓCIOS

A rotatividade é substancialmente mais elevada nos pequenos negócios, como pode ser visto no Gráfico 5. Em 2013, a duração média dos vínculos empregatícios nos estabelecimentos de pequeno porte foi de 35,9 meses (cerca de três anos) no Brasil, e de 40,8 meses (quase três anos e cinco meses) no Estado do Rio de Janeiro. Por sua vez, os trabalhadores nas médias e grandes empresas estavam em seu emprego corrente há mais de seis anos (aproximadamente 75 meses) em ambos os recortes territoriais.⁵

GRÁFICO 5 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) POR TAMANHO DO ESTABELECIMENTO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



Entre 2003 e 2013, o tempo médio de permanência diminuiu tanto nos pequenos negócios (queda de 3,5%, no país e no Estado do Rio de Janeiro) quanto nos estabelecimentos de médio e grande portes (redução de 10% no Brasil; e de 12% no estado), mas principalmente nos últimos e, em particular, no ERJ. De fato, o dinamismo do emprego nas médias e grandes empresas fluminenses pode ser atestado pelo crescimento de sua participação no total de empregos formais no período, de 61% para 63,3%. Nota-se, também, que a duração média dos vínculos de trabalho é um pouco maior no Estado do Rio de Janeiro, independentemente do tamanho dos estabelecimentos.

5. A exclusão dos empregados na administração pública só afeta o tempo médio de permanência nas médias e grandes empresas, que passa a corresponder, em 2013, a 48,9 no Brasil e 51,2 no ERJ.

É possível aprofundar o estudo sobre a rotatividade olhando a distribuição dos empregados por faixas de tempo de permanência no emprego. Em 2013, aproximadamente ¼ dos empregados nos pequenos negócios estava há menos de seis meses em seu posto de trabalho, seja no Brasil seja no Estado do Rio de Janeiro (Gráficos 6 e 7). Por outro lado, nas empresas de médio e grande portes, essa proporção foi de 16% em ambos os recortes territoriais. Da mesma forma, os vínculos com mais de dois anos representaram algo próximo de 40% do total nas micro e pequenas empresas, ficando em torno de 55% nos empreendimentos médios e grandes brasileiros e fluminenses.

O estado apresenta menores percentuais de empregados nos estabelecimentos de pequeno porte nos três recortes relativos a vínculos com menos de dois anos de duração.

Como visto, o aumento da rotatividade se deu mais fortemente nas empresas de médio e grande portes, em especial no Estado do Rio de Janeiro. A proporção de empregados em estabelecimentos médios e grandes há dois anos ou mais caiu nove pontos percentuais no estado entre 2003 e 2013, passando a ser menor do que a verificada no Brasil.

GRÁFICO 6 | DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS FORMAIS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO SEGUNDO O TAMANHO DO ESTABELECIMENTO – RIO DE JANEIRO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

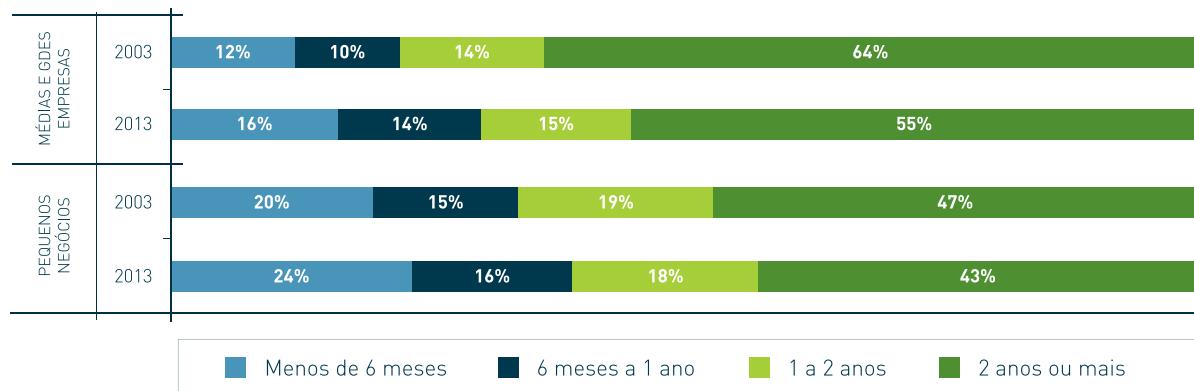
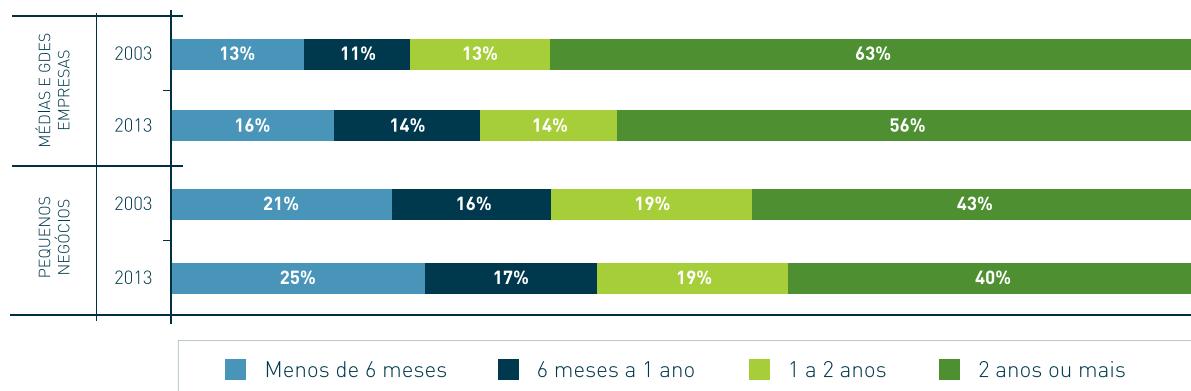


GRÁFICO 7 | DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS FORMAIS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO SEGUNDO O TAMANHO DO ESTABELECIMENTO – BRASIL FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



Os padrões observados acima são válidos para todos os estados brasileiros: o tempo médio de permanência no emprego é menor nos pequenos negócios e caiu mais fortemente nas médias e grandes empresas (Tabela 1). Em 2013, os diferenciais de tempo de permanência no emprego por tamanho do estabelecimento variaram de 71%, em São Paulo, e de 84%, no Rio de Janeiro (os dois menores), a 282%, no Acre. Ou seja, os empregados nas micro e pequenas empresas permanecem em seu posto por quase três vezes menos tempo do que aqueles que trabalham em empreendimentos de médio e grande portes.

Ademais, enquanto a rotatividade nos estabelecimentos médios e grandes cresceu entre 2003 e 2013 em quase todos os estados (exceto Amapá, Tocantins e Alagoas, os mesmos em que não houve elevação no total das empresas), e de forma substancial em vários deles (inclusive o ERJ), o tempo médio de permanência no emprego nos pequenos negócios aumentou em seis estados e só caiu significativamente em cinco.

Os estabelecimentos de pequeno porte no Estado do Rio de Janeiro têm os vínculos mais duradouros do país (40,8 meses). O estado já ocupava esse posto em 2003 e, mesmo com o aumento da rotatividade, manteve sua posição. Isso significa que o número médio de meses no trabalho corrente caiu mais nos outros estados. A seguir, vem São Paulo, onde o tempo médio de permanência no emprego foi de 38,4 meses.

TABELA 1 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS ESTADOS BRASILEIROS POR TAMANHO DO ESTABELECIMENTO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

	PEQUENOS NEGÓCIOS		MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS	
	2003	2013	2003	2013
Acre	36.5	31.9	136.9	121.8
Alagoas	42.1	36.3	86.7	97.5
Amapá	27.8	31.5	99.2	100.4
Amazonas	34.7	31.9	80.0	73.2
Bahia	38.3	36.4	89.1	82.5
Ceará	38.1	32.7	95.1	77.2
Distrito Federal	31.3	30.7	100.4	93.5
Espírito Santo	34.3	34.5	79.5	66.8
Goiás	29.2	29.1	80.3	74.0
Maranhão	38.4	33.8	83.2	81.1
Mato Grosso	26.3	27.7	69.3	64.1
Mato Grosso do Sul	32.4	31.7	71.7	59.6
Minas Gerais	35.8	34.5	83.5	75.0
Pará	33.1	32.6	87.1	73.5
Paraíba	40.2	36.8	124.9	99.5
Paraná	34.5	34.1	78.0	71.3
Pernambuco	41.7	36.1	96.0	75.8
Piauí	41.5	37.9	145.4	111.2
RIO DE JANEIRO	42.3	40.8	89.9	75.3
Rio Grande do Norte	35.1	34.4	110.9	107.7
Rio Grande do Sul	38.6	37.2	80.5	79.0
Rondônia	26.1	26.8	102.5	92.9
Roraima	29.2	26.6	125.7	89.7
Santa Catarina	32.3	34.0	72.0	66.8
São Paulo	39.4	38.4	70.5	65.8
Sergipe	40.0	38.2	107.0	97.0
Tocantins	27.7	28.3	69.6	76.8

Em termos das regiões do Estado do Rio de Janeiro, o Norte Fluminense apresenta a maior rotatividade nos pequenos negócios. Em seguida, vêm a Costa Verde e a Baixada Fluminense I. Nas médias e grandes empresas, o menor tempo médio de permanência no emprego é verificado nas duas Baixadas. Nos estabelecimentos de pequeno porte, os vínculos trabalhistas de duração mais longa estão na capital; nos médios e grandes empreendimentos, esse posto pertence ao Noroeste do estado.

Entre 2003 e 2013, a rotatividade no emprego nos pequenos negócios cresceu em todo o ERJ, com exceção da região Serrana II, em que se registrou manutenção do tempo médio de permanência. Os maiores aumentos da rotatividade foram observados na Baixada Fluminense I e no Norte Fluminense. Nas médias e grandes empresas, os empregados passaram a permanecer por um número mais alto de meses em seus postos de trabalho nas duas regiões Serranas, ao contrário do que ocorreu nas demais regiões, na média do ERJ, na imensa maioria dos estados e no Brasil.

TABELA 2 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NAS REGIÕES FLUMINENSES POR TAMANHO DO ESTABELECIMENTO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

	PEQUENOS NEGÓCIOS		MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS	
	2003	2013	2003	2013
Capital	45.3	44.7	100.3	81.6
Baixada Fluminense I	37.1	33.9	68.8	58.0
Baixada Fluminense II	35.9	34.5	61.2	58.2
Leste Fluminense	41.2	40.2	77.0	65.5
Centro-Sul	42.6	40.1	52.7	66.2
Costa Verde	34.6	33.0	59.9	70.4
Médio Paraíba	39.3	37.7	82.5	73.3
Noroeste	43.7	41.8	87.0	98.4
Norte	34.3	31.3	70.4	61.2
Região dos Lagos	36.1	34.1	76.4	65.6
Serrana I	39.2	39.1	83.3	84.3
Serrana II	41.2	41.2	73.5	77.7

ROTATIVIDADE NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR SETOR DE ATIVIDADE

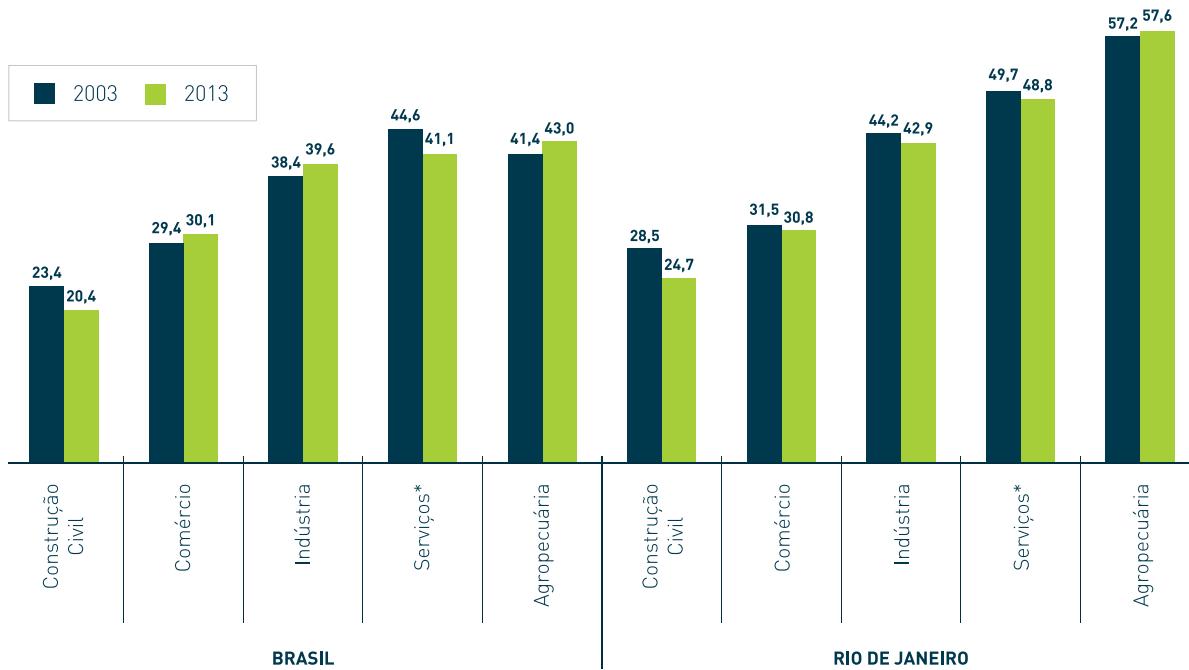
Conforme já visto, apesar de ter apresentado menor queda na última década, a permanência nos estabelecimentos de pequeno porte é mais curta do que nas médias e grandes empresas. A seguir, investigaremos mais detidamente a rotatividade nos pequenos negócios analisando subgrupos de trabalhadores. Nesta seção, exploraremos as diferenças existentes entre os setores de atividade.

De acordo com o Gráfico 8, o tempo médio de permanência no posto de trabalho varia consideravelmente por setor de atividade da economia. A construção civil se caracteriza pela maior rotatividade do emprego, visto que a celebração de contratos para a realização de obras e tarefas pontuais, com o encerramento do vínculo de trabalho após o seu fim, é bastante comum no setor. Assim, em 2013, os fluminenses empregados nos pequenos negócios que atuam na construção civil estavam, em média, há pouco mais de dois anos em seu trabalho, e os brasileiros, há um ano e oito meses.

Os trabalhadores em estabelecimentos comerciais de pequeno porte, setor sujeito a sazonalidades e sensível a alterações no ambiente econômico, também permanecem, em média, pouco tempo no emprego: aproximadamente dois anos e meio, tanto no Estado do Rio de Janeiro quanto no Brasil. A indústria e os serviços apresentam níveis de rotatividade menores. Em 2013, o tempo médio de permanência dos empregados nos estabelecimentos de pequeno porte nesses setores ficou entre três e quatro anos, sendo maior nos serviços em ambos os recortes territoriais.

A duração dos vínculos empregatícios nas micro e pequenas empresas agropecuárias também é alta, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, onde chegou, em 2013, a quase quatro anos e oito meses. Nesse mesmo ano, os trabalhadores agropecuários nos pequenos negócios brasileiros estavam há três anos e sete meses em seu emprego corrente.

GRÁFICO 8 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR SETOR DE ATIVIDADE FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE. – Nota: *Exceto a administração pública



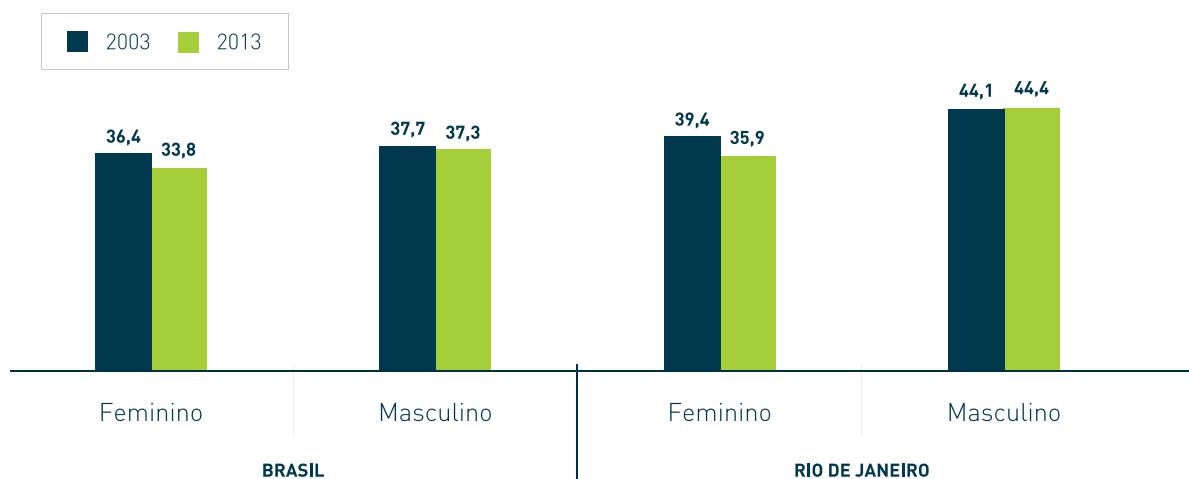
A construção civil foi a grande responsável pelo aumento da rotatividade no emprego nos pequenos negócios na última década. Entre 2003 e 2013, a duração dos vínculos nesse setor caiu 13% no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil. No estado, o número médio de meses no trabalho corrente também diminuiu no comércio, na indústria e nos serviços, ainda que de forma mais moderada; apenas na agropecuária a rotatividade se manteve estável.

No Brasil, por um lado, o tempo médio de permanência dos trabalhadores foi de 44,6 meses para 41,1 no setor de serviços (uma redução de 8%), o que contribuiu para a queda da duração dos vínculos. Por outro lado, o número médio de meses no posto de trabalho passou a ser maior no comércio, na indústria e na agropecuária. Ou seja, apesar de puxado pela construção civil, o aumento da rotatividade se deu de forma mais generalizada no Estado do Rio de Janeiro, enquanto, no Brasil, foi um fenômeno específico desse setor e dos serviços.

ROTATIVIDADE NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHADORES

Nesta seção, será investigado se a duração no emprego varia entre grupos de trabalhadores com características pessoais (sexo, idade e escolaridade) distintas. O Gráfico 9 apresenta o tempo médio de permanência no emprego em estabelecimentos de pequeno porte para mulheres e homens separadamente. Nota-se que os vínculos empregatícios das mulheres são mais curtos tanto no Brasil quanto no ERJ.

GRÁFICO 9 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR SEXO FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.

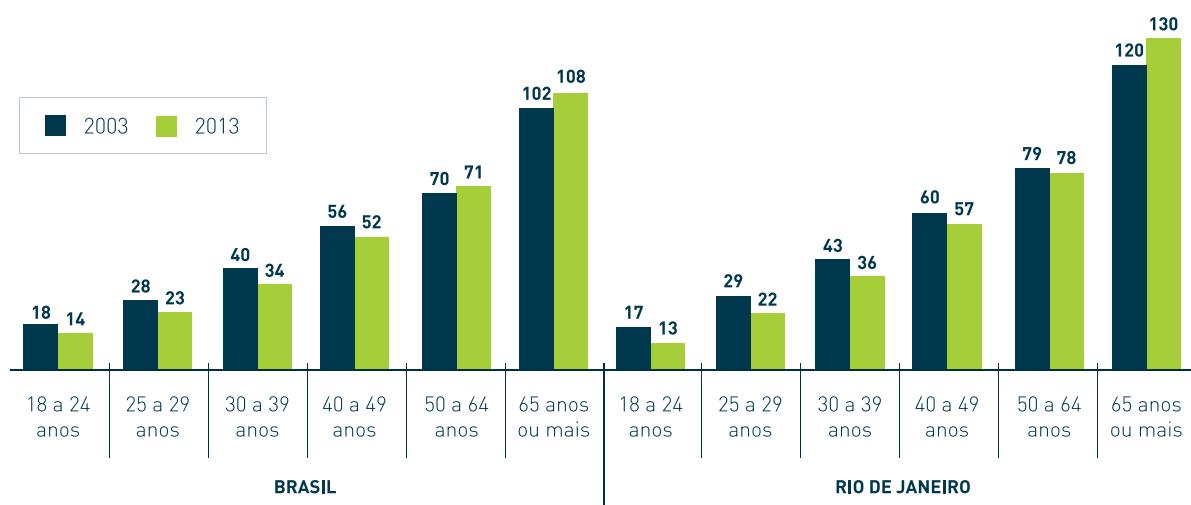


O tempo médio de permanência dos empregados do sexo masculino nos pequenos negócios fluminenses, de 44,4 meses (cerca de três anos e oito meses) em 2013, é alto – 19% superior ao verificado entre seus semelhantes no país, de 37,3 meses. O diferencial entre a duração média dos vínculos de homens e mulheres que trabalham em estabelecimentos de pequeno porte no ERJ é ainda maior: 23%. Ainda assim, a rotatividade entre os trabalhadores do sexo feminino nas micro e pequenas empresas é menor no Estado do Rio de Janeiro (35,9 meses) do que no Brasil (33,8 meses).

Entre 2003 e 2013, o tempo médio de permanência nos pequenos negócios só não caiu entre os homens fluminenses. Entre as mulheres, porém, houve queda expressiva, principalmente no estado, o que contribuiu para a elevação da rotatividade média. Especula-se que esse crescimento também se deva a uma mudança de composição na força de trabalho. Há indícios de que o aumento da proporção de mulheres entre os empregados tenha ajudado a reduzir a duração média dos vínculos nos pequenos negócios, visto que elas permanecem por (cada vez) menos tempo no mesmo trabalho.

Naturalmente, o tempo médio de permanência no emprego nos estabelecimentos de pequeno porte cresce com a idade, como pode ser observado no Gráfico 10. Enquanto os vínculos trabalhistas de jovens com 18 a 24 anos têm pouco mais de um ano, idosos com 65 anos ou mais estão há nove anos (108 meses) no mesmo posto de trabalho no Brasil e há mais de dez (130 meses) no ERJ. Essa diferença se acentuou na última década. De fato, entre 2003 e 2013 houve queda da rotatividade nos pequenos negócios entre os mais velhos e aumento entre jovens e adultos de até 64 anos no estado, e de até 49 anos no país.

GRÁFICO 10 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR FAIXA ETÁRIA FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE.



A duração dos vínculos empregatícios nas micro e pequenas empresas caiu mais fortemente entre brasileiros e fluminenses com 18 a 29 anos (19% e 24%, em média, respectivamente). Também houve uma grande redução no tempo médio de permanência no trabalho entre as pessoas de 30 a 39 anos: de -15%, nacionalmente, e -16% no estado. Ademais, é interessante notar que, ao contrário do que ocorre na média e nas demais faixas etárias, a rotatividade no emprego vivenciada pelos jovens com 18 a 29 anos no ERJ é maior do que no Brasil.

A relação entre o tempo médio de permanência no emprego nos pequenos negócios e o nível de escolaridade tem formato de U, conforme o Gráfico 11. Dessa forma, os vínculos empregatícios dos trabalhadores que sequer completaram o Ensino Fundamental e os daqueles que pelo menos ingressaram no Ensino Superior têm duração maior do que os dos demais. Em 2003, o tempo médio de permanência no emprego dos trabalhadores com algum nível de Ensino Superior era consideravelmente maior do que o daqueles que não tinham terminado o Ensino Fundamental. Contudo, isso se alterou em 2013, de modo que a rotatividade no emprego passou a ser maior entre os trabalhadores mais qualificados, tanto no Brasil quanto no Estado do Rio de Janeiro.

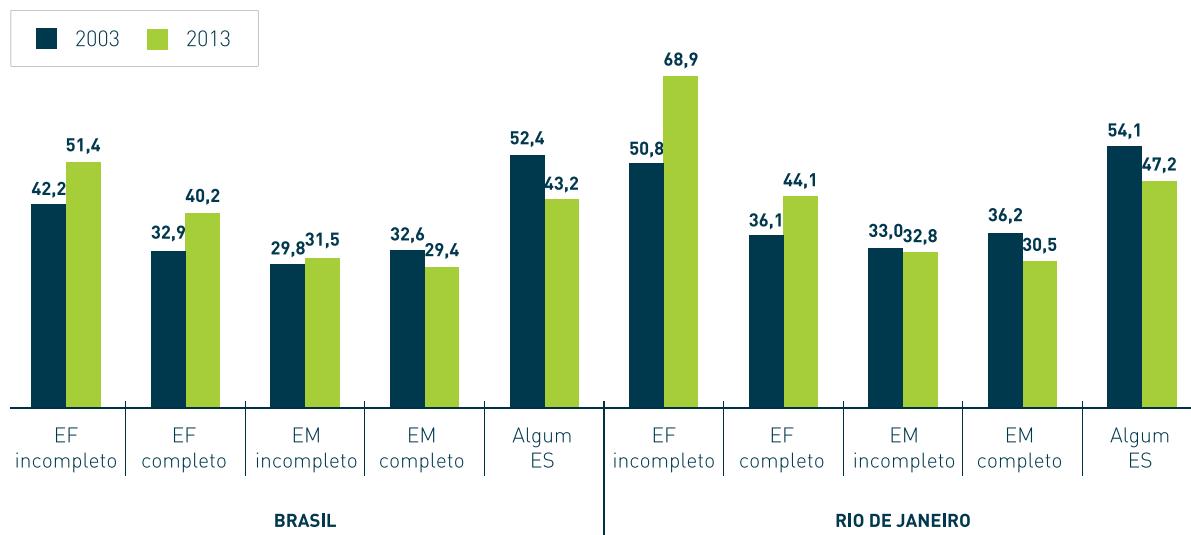
Em 2013, o tempo médio de permanência dos empregados em estabelecimentos de pequeno porte com o Ensino Fundamental incompleto correspondeu, no Brasil, a 51,4 meses (cerca de quatro anos e três meses) e, no ERJ, a 68,9 meses (quase seis anos). Entre os trabalhadores mais qualificados, esses valores equivaleram a, respectivamente, 43,2 e 47,2 meses.

Novamente, a rotatividade no emprego nas micro e pequenas empresas é maior no país do que no Estado do Rio de Janeiro em todas as categorias analisadas. Entretanto, vale destacar o enorme diferencial existente entre os trabalhadores brasileiros e fluminenses que não terminaram o Ensino Fundamental – justamente o grupo que, atualmente, tem o maior tempo médio de permanência no posto de trabalho. Isso porque houve um grande salto na duração dos vínculos dos empregados com o Ensino Fundamental incompleto no estado, puxado pelo setor de serviços.

GRÁFICO 11 | TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO EMPREGO (EM MESES) NOS PEQUENOS NEGÓCIOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE

FONTE: IETS, com base em dados da RAIS/MTE. – Nota:

* EF - Ensino Fundamental / EM - Ensino Médio / ES - Ensino Superior



Os vínculos empregatícios mais curtos são aqueles dos empregados formais que cursaram o Ensino Médio, em particular dos que terminaram esse segmento. Além disso, os grupos de escolaridade mais alta (Ensino Médio completo e algum nível de Ensino Superior) registraram queda do tempo médio de permanência no emprego entre 2003 e 2013. Assim, nos pequenos negócios, a rotatividade entre trabalhadores qualificados é maior do que nas médias e grandes empresas e aumentou ao longo do tempo. Esse comportamento pode estar indicando maior dificuldade de reter mão de obra qualificada nos pequenos negócios.

EM RESUMO

Na última década houve crescimento da rotatividade do emprego paralelamente à maior geração de empregos formais. No Estado do Rio de Janeiro, o aumento da rotatividade foi mais acentuado, mas o tempo médio de permanência no emprego ainda é maior que o registrado na média brasileira: 63 meses contra 50. Entre os estados, a posição do ERJ é intermediária, uma vez que o tempo de permanência no emprego é maior do que em todos os estados do Sul-Sudeste e menor do que na maioria dos estados do Norte-Nordeste, quando incluídos os empregados na administração pública. Se estes são excluídos, o ERJ passa a ter a quarta menor rotatividade do país.

A rotatividade tende a aumentar em períodos de crescimento do emprego, já que aumentam as admissões e, por serem vínculos novos, o tempo médio de permanência no emprego cai. Além disso, estados e regiões com mercados de trabalho mais dinâmicos tendem a apresentar maior

rotatividade. Assim, o aumento da rotatividade nesse caso reflete o aspecto positivo de um quadro com mais e melhores oportunidades de emprego. Porém, não resulta necessariamente num ambiente mais propício ao crescimento da produtividade.

No Brasil, o tempo médio de permanência nos pequenos negócios corresponde a menos da metade do verificado nas médias e grandes empresas. No Estado do Rio de Janeiro, os trabalhadores destas estão em seu emprego corrente há mais de seis anos, enquanto os empregados formais nos pequenos negócios ficam, em média, três anos e cinco meses no trabalho – o maior tempo do país. A duração média dos vínculos de trabalho é um pouco maior no Estado do Rio de Janeiro, independentemente do tamanho do estabelecimento.

Assim, a rotatividade é substancialmente mais elevada nos pequenos negócios. Isso pode estar relacionado, entre outros fatores, à limitação financeira, que dificulta a oferta de maiores salários e de um plano estruturado de carreira, além do fato de que, em sua maioria, são empregos que não requerem muita qualificação, representando uma atividade transitória para muitos trabalhadores.

Entre 2003 e 2013, a rotatividade cresceu expressivamente tanto nos pequenos negócios quanto nos estabelecimentos de médio e grande portes. Apesar de ser mais elevada nos primeiros, a redução do tempo médio de permanência e da proporção de pessoas empregadas há pelo menos dois anos foi mais forte nas empresas de médio e grande portes.

Há uma relação positiva entre o tempo médio de permanência no emprego nos pequenos negócios e a idade. No período analisado, o aumento da rotatividade se deu nas faixas etárias mais jovens (até 49 anos). Se, por um lado, a possibilidade de vivenciar várias experiências profissionais é característica da juventude, por outro, como dito anteriormente, isso gera impactos negativos sobre a qualificação do trabalhador e produtividade.

A relação entre o tempo médio de permanência no emprego e o nível de escolaridade tem formato de U: trabalhadores pouco qualificados (com Ensino Fundamental incompleto) e muito qualificados (que ao menos ingressaram no Ensino Superior) ficam por mais tempo em seus postos de trabalho, enquanto aqueles que cursaram o Ensino Médio têm vínculos empregatícios de mais curta duração. Verifica-se um aumento da rotatividade maior entre os trabalhadores com algum nível superior, indicando possivelmente uma dificuldade maior por parte das pequenas empresas de reter mão de obra mais qualificada, sobretudo num quadro de crescimento das oportunidades de emprego.

Conclui-se que o aumento da rotatividade nos pequenos negócios no ERJ parece ser explicado, em grande medida, por dois fatores: (i) redução na duração dos vínculos de empregados do sexo feminino – que já eram inferiores aos dos homens – e sua maior participação no total de postos de trabalho formais; (ii) crescimento do emprego na construção civil e consequente queda do tempo de permanência nesse setor, que tem como característica a maior presença de vínculos temporários.

E MAIS...

- Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do MTE, foram fechados quase 82 mil postos de trabalho no Brasil em janeiro de 2015, o resultado mais fraco para o mês desde 2009, ápice da crise econômica mundial. O Estado do Rio de Janeiro foi responsável por metade dos empregos formais destruídos no país.
- Como consequência, o percentual de empregados com carteira de trabalho assinada nas seis regiões metropolitanas brasileiras cobertas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 54,5% em janeiro de 2015, diminuiu 0,8 pontos percentuais em comparação com o mesmo mês do ano anterior – movimento registrado pela primeira vez desde o início da série, em 2002. Também houve redução na proporção de empregados formais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que ficou em 50,2%.